

O última
ADEUS

**ABBI
GLINES**

AUTORA DE *PAIXÃO SEM LIMITES*





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para Heather Howell, por sempre me fazer rir
até a barriga doer, por me apoiar em tudo e por ter
aparecido na minha vida quando eu precisava de alguém
tão incrível quanto você do meu lado.
Te amo muito, garota.*

ROSE

Ser baixinha é uma droga. Nunca houve um momento na minha vida em que eu tenha pensado, *Nossa, ser baixinha é fantástico*. Nem uma vez. Nunca consigo alcançar coisas em lugares altos. Que era o que estava acontecendo agora. Ele me pediu para desencaixotar os copos e colocá-los nas prateleiras atrás do bar, mas isso estava sendo mais difícil do que eu gostaria de admitir.

Eu não era fã da chefe do salão. Ela era linda e má, além de alta. Ela não fazia ideia de como era difícil para alguém com pouco mais de um metro e sessenta se equilibrar nas pontas dos pés em um banco de bar com as mãos cheias de copos. Ou talvez soubesse e estivesse fazendo isso só por crueldade.

Inclinada para a frente, coloquei outro copo em segurança em um dos nichos na parede. O banco balançou e eu congelei, prendendo a respiração. Voltando para trás lentamente, consegui recuperar o equilíbrio. Somente mais duas caixas para abrir, pensei, esperando que cada uma não tivesse dez copos.

– Se quebrar esses copos, o prejuízo vai sair do seu salário. Não tenho reserva no orçamento para itens quebrados – disse uma voz grave e arrastada atrás de mim.

Eu conhecia aquela voz. Não a escutava com frequência, mas, quando escutava, a voz estava normalmente aborrecida comigo.

Mas não foi sempre assim. Antes, aquela mesma voz tinha aliviado os meus medos, me protegido e me oferecido um porto seguro. Agora, tudo o que eu recebia eram palavras frias e esparsas. Eu continuava acreditando que a dor iria passar, algum dia. Mas não passava nunca.

Nós dois havíamos mudado com o passar do tempo. Em vez de amá-

-lo até perder o fôlego, eu só queria dar um tapa naquele rostinho bonito e mudar de cidade.

– Desça daí, Rose – ordenou River num tom áspero. – Vá fazer alguma coisa útil. Vou arrumar alguém pra cuidar disso.

Pelo menos ele lembrou meu nome dessa vez. Na semana passada, me chamou de Rachel, Daisy e Rhonda em três ocasiões diferentes. Minhas constantes correções devem ter funcionado. Sei que ele tinha um restaurante cheio de empregados novos, e que o estresse da grande inauguração em apenas duas semanas estava pesando sobre ele. Mas mesmo assim. O garoto que eu havia conhecido era gentil, atencioso, um herói. Meu herói.

Em algum ponto nos últimos dez anos, River mudara seu nome para Capitão e se tornara duro. Inalcançável. Até sua namorada, a queridinha Elle, parecia não ter acesso a um lado mais suave de River. O lado que uma vez eu, e mais ninguém, tinha conhecido bem. O lado que eu já não acreditava mais que existisse.

– Elle me disse para expor os copos – falei pulando do banco e ficando em pé o mais ereta possível.

River tinha com certeza mais de 1,90 agora e sempre tinha sido muito mais alto do que eu. Mesmo quando tínhamos 16 anos.

Ele ignorou o que eu disse. Em vez disso, apontou com a cabeça em direção à cozinha.

– Brad precisa de ajuda com os equipamentos que acabaram de chegar. Vai lá dar uma mão para ele. Vou encontrar alguém que não seja desfavorecido verticalmente para terminar isso aí.

Meu rosto ficou vermelho e quente de constrangimento. Foi como se eu tivesse feito uma besteira ou quebrado alguma coisa. Só que eu estava indo muito bem. Estava fazendo o trabalho devagar, mas estava fazendo.

– Está tudo bem. Minha altura não está afetando a minha habilidade para realizar essa tarefa, se é isso que você quer dizer – rebati.

Ele nem olhou pra trás, enquanto caminhava em direção à porta.

– Abrimos em duas semanas. Eu gostaria que os copos estivessem no lugar até lá. – E saiu.

– Idiota – murmurei.

Eu queria terminar de colocar aqueles copos lá em cima, mas, com a

minha falta de sorte, ia acabar quebrando uma caixa inteira deles. E não podia perder aquele emprego. Tinha juntado todas as minhas coisas e me mudado para Rosemary Beach, Flórida, assim que descobri que aqui eu poderia encontrar River. Não tinha pensado no que fazer depois. Eu tinha procurado por ele durante anos, sem sucesso.

Essa havia sido a primeira pista real que eu tinha obtido. Então a segui. Conseguir esse emprego foi mais fácil do que eu imaginava, porque como a cidade não era grande, achei que devia ser difícil encontrar trabalho. E eu precisava dele. A casa que encontrei para alugar ficava fora dos limites da cidade – e era minúscula –, mas era segura e tinha um preço acessível. Isso era tudo o que precisávamos.

Estávamos vivendo na casa de hóspedes de uma das enormes casas de praia ao longo da costa. A única moradora da casa principal era uma senhora idosa, Diana Baylor, que parecia encantada em nos ter ali. Era um arranjo útil para todos.

Sem esse emprego, eu não teria nenhuma justificativa para me aproximar de River, e eu tinha uma missão, mesmo que já não estivesse mais tão certa em relação a ela. Mas precisava me lembrar de que eu não estava fazendo isso por mim. Minhas necessidades e meus desejos tinham ficado em segundo plano havia nove anos, quando Ann Frances chegou ao mundo e se tornou minha razão de viver.

No dia em que Franny fez 5 anos, ela pediu uma coisa: conhecer o pai. Desde então, todo ano era somente isso que ela pedia no aniversário e no Natal – era infalível. Ela queria conhecer o pai da mesma forma que os amigos conheciam os seus. Eu inventei desculpas e tentei compensar o fato de ela ter apenas a mim. Mas, então, comecei a procurar pelo garoto que tanto amei, por quem sacrifiquei tudo para que ele ficasse a salvo.

Olhando para trás, fiquei pensando se o meu sacrifício não foi um erro. O pedido de Franny para conhecer o pai me deu a sensação de ter falhado com ela ao tentar proteger River. Mas eu mesma era uma criança naquela época, diante de escolhas que afetavam a vida das poucas pessoas que eu amava no mundo.

– Você vai acabar a tarefa que eu te dei ou vai ficar aí parada, em pé, fazendo nada?

A voz de Elle me arrancou dos meus pensamentos. Seu cabelo escu-

ro e comprido caía sobre os ombros, e aqueles olhos verdes felinos me fitavam com raiva. Eu não sabia ao certo por que ela havia decidido me odiar, mas ela me odiava.

– Capitão me disse para parar e ajudar Brad na cozinha – respondi, tentando não deixar que minha antipatia por ela se evidenciasse no meu tom de voz.

Se ela fosse se queixar com River, com certeza ele me mandaria embora.

Ele era um dos maiores obstáculos ao meu plano. Eu não queria uma pessoa tão perversa no mundo de Franny. Por mais que minha filha sonhasse em conhecer o pai, eu tinha que decidir se aquele homem era digno dela. Infelizmente, depois de duas semanas trabalhando para ele, descobri que ele não estava exatamente à altura dela. Eu não sabia muito bem se poderia atender ao único pedido da minha filha.

– Certo. Então vá. Você está perdendo tempo. Temos coisas a fazer...
– ordenou ela, apontando para a cozinha, como se eu não soubesse onde ficava.

Com um rápido aceno de cabeça, me dirigi para lá. Não havia razão para ficar diante dela mais do que o necessário.

CAPITÃO

Nada estava andando dentro do cronograma. Deveríamos estar muito à frente nos preparativos para a inauguração, mas demorei demais para contratar toda a equipe. Isso foi culpa minha. E agora eu estava começando a questionar minhas escolhas de funcionários. Arrumar o que estava errado em um restaurante era uma coisa; começar um empreendimento do zero era outra. Não era isso que eu queria fazer pelo resto da vida, e eu me perguntava quanto esforço eu estava disposto a dedicar para valer a esse lugar.

Não queria mais saber do meu passado, mas encarar o futuro não estava sendo fácil nem promissor. Talvez eu precisasse de um novo rumo. Assim que esse lugar estivesse em pleno funcionamento, eu o deixaria nas mãos de outra pessoa e iria procurar uma cidade que vivesse da pesca, compraria um bar em um píer. Comandar um bar para um bando de pescadores locais parecia ser mais a minha praia.

Mas primeiro eu tinha que abrir esse restaurante e fazê-lo funcionar com sucesso. Não apenas porque eu devia isso a Arthur Stout, o dono, mas porque eu sempre termino as coisas que começo. O que Arthur estava me pagando me permitiria encontrar o tipo de bar que eu queria, para que finalmente pudesse levar uma vida mais sossegada.

– Temos que mandar aquela ruiva embora. Ela não leva o menor jeito para isso – anunciou Elle, enquanto entrava no meu escritório.

Eu não precisava perguntar a quem ela estava se referindo, porque era óbvio. Rose Henderson era miúda, com curvas de parar o trânsito e um rosto de anjo. Os óculos engraçadinhos que ela usava, em vez de prejudicarem a sua aparência, apenas destacavam seus olhos. Isso fazia Elle odiá-la ainda mais. Ela não gostava de competição, e eu sabia que ela via

Rose como uma ameaça. Não porque eu tivesse dado algum motivo, mas porque todo homem que trabalhava aqui claramente notava a existência de Rose. Era difícil ela passar despercebida.

– Que ruiva? – perguntei, sem tirar os olhos dos meus pedidos não preenchidos.

– A baixinha. A que não consegue fazer nada direito. Eu disse para ela organizar aqueles copos e ela foi reclamar com você. Eu sou a chefe do salão. Ela não pode passar por cima de mim.

Eu tinha contratado Elle como chefe do salão porque ela havia sido muito bem recomendada por uma pessoa da confiança de Arthur. Concordei com isso logo depois de conhecê-la e entrevistá-la. Transar com ela no meu escritório no dia seguinte não tinha sido planejado, mas ela deu muito em cima de mim e era gostosa. Não vi problema nisso. Eu gostava de mulheres altas e esbeltas. Ela se encaixava com perfeição nesse perfil. Mas também confundia o fato de estar dormindo na minha cama com a autorização para exercer algum tipo de controle sobre mim, e eu precisava consertar isso.

– Não fomos *nós* que contratamos Rose, Elle. Fui eu. E *nós* não vamos mandar ninguém embora. Ela não passou por cima de você. Ela não conseguia alcançar as prateleiras. Ia acabar caindo e quebrando alguma coisa. Mandei ela fazer outra coisa.

Apesar de não estar olhando para ela, podia sentir sua frustração crescendo. Ela não gostou da minha resposta. Elle tinha um pequeno problema com figuras de autoridade. Mas era excelente no que fazia.

– Eu não quero ela aqui – falou, fazendo bico.

Por fim, olhei para ela. Estava com os lábios contraídos como se fosse chorar. Poderia ter ficado ridículo, mas ela sabia exatamente como fazer aquilo. Eu me afastei da mesa e dei uns tapinhas na coxa.

– Venha aqui, Elle – ordenei, mantendo a expressão séria.

Ela veio devagar, passando ao redor da minha mesa e mordendo o lábio inferior. Seus olhos ardiavam de excitação. Essa era uma coisa com a qual eu podia contar. Se eu precisasse acalmar Elle, sexo sempre ajudava.

– Se você está fazendo essa boca sexy para me provocar, então vai ter que usá-la para me fazer gozar – disse a ela quando parou na minha frente.

– O que você quer que eu faça? – perguntou ela, ofegante.

– De joelhos – mandei.

Ela se abaixou rapidamente e começou a desabotoar minhas calças.

Enrolei uma mecha de seus cabelos escuros no meu dedo e deixei que a textura sedosa me provocasse enquanto ela puxava minhas calças para baixo, depois minhas cuecas, até que meu pau estava em suas mãos.

– O mais fundo que você conseguir – disse a ela, enquanto começava a acariciar seu pescoço.

Ela deu um gemido que ressoou direto no meu pau. Então começou a me chupar como se fosse um aspirador, e eu joguei a cabeça para trás e gemi. Eu precisava daquilo hoje. A melhor coisa para aliviar o estresse.

– Isso, gata – incentivei, colocando uma das mãos na sua nuca, empurrando gentilmente para que eu deslizasse mais fundo em sua garganta.

O som dos engasgos só me dava mais tesão. Eu adorava quando ela se engasgava me chupando.

– Isso, isso. Que delícia. – Eu a elogiava, sabendo que isso sempre a estimulava. – Mais fundo, gata. Que delícia.

Uma batida à porta da minha sala fez com que ela congelasse, mas segurei sua cabeça para que ela não se afastasse.

– Estou ocupado. Vá embora – disse eu.

Quando a pessoa não respondeu, dei uns tapinhas em sua cabeça para que ela fosse até o fim. O que ela fez.



Uma hora depois de Elle sair do meu escritório, fui até a cozinha ver se Brad tinha deixado tudo em ordem. O meu nível de estresse tinha baixado, e Elle parecia mais segura e menos ansiosa para se livrar de Rose. Fazê-la lembrar que era com ela que eu estava transando fez maravilhas para seu comportamento.

A primeira coisa que ouvi quando entrei na cozinha foram risadas: a risada grave de Brad acompanhada de um riso de mulher. Segui o som até os fundos da cozinha e encontrei Brad coberto de um pó que parecia farinha, enquanto Rose estava com as mãos na barriga e sem fôlego de tanto gargalhar. Ela se virou para mim.

Senti uma pressão no peito ao ver seus olhos brilharem de tanto rir. O azul-claro deles me era familiar, mas havia algo mais. Era como se eu já a tivesse visto rir antes. Como se já tivesse escutado sua risada. Observá-la fez meu peito doer de um modo sem sentido. Como se... como eu sentisse saudades dela. Mas eu nem a conhecia.

Logo as risadas dela cessaram e ela enxugou as lágrimas que haviam se formado. Desviou o olhar para Brad. Eu a deixei nervosa, e a verdade é que eu nunca havia sido muito simpático com ela. Ela era apenas uma funcionária. Em breve eu iria embora. Não estava ali para fazer amigos.

– Desculpe, chefe. Eu estava pegando uma caixa naquela prateleira ali e, bem, caiu um saco de farinha, então você pode ver o que aconteceu – explicou Brad, ainda rindo.

Desviei meu olhar de Rose para Brad. Ele piscou para ela e começou a tentar limpar a farinha de si. Ele precisava de um banho. Não seria nada mau se ele se afastasse um pouco de Rose.

ROSE

Os cachos louros de Franny balançavam enquanto ela corria da beira da água em direção a mim. A Sra. Baylor estava sentada embaixo de um carvalho com um suco de frutas nas mãos e um chapéu de palha de abas largas na cabeça. As duas haviam se dado bem, e a Sra. Baylor se ofereceu para cuidar de Franny enquanto eu trabalhava. Ela disse que assim teria companhia e algo para fazer.

Franny nunca teve contato com os avós, mas queria ter uma família. Era algo que ela sempre havia notado nas outras crianças – a forma como eram rodeadas por mãe, pai, irmãos, avós, primos, tias e tios –, e desejava o mesmo para si. Mas era a única coisa que eu não podia lhe dar, porque eu também não tinha tido uma família. Tendo vivido em um orfanato desde os 5 anos até fugir, com 16, só existia uma pessoa que eu havia considerado minha família. A única família que Franny também tinha: River.

Minha filha tinha o cabelo igual ao meu, ou pelo menos a cor natural dele, meus olhos, e, que Deus tivesse piedade, parecia ter herdado minha baixa estatura também. A única coisa nela que não era uma réplica perfeita minha era a pele. Eu era clara, enquanto Franny ficava com um bronzeado dourado quando tomava sol, mesmo que por pouco tempo. Isso ela puxara do pai. Ela também tinha o senso de humor e o sorriso dele. Mas essas eram coisas que apenas uma mãe nota. Para todo mundo, Franny era igualzinha a mim.

– Peguei um peixe, mamãe! Um peixe de verdade, e vivo! Mas tive que tirar o anzol da boca dele e jogar de volta na água pra ele não morrer. Eu não queria matar o peixe. Tomara que o anzol não tenha machucado muito ele. A Sra. Diana disse que tudo bem. Peixes são pra comer, mas eu queria que ele encontrasse a família dele. Eles podiam estar sentindo a falta dele.

Franny mal respirou durante sua longa explanação, depois jogou os braços em volta da minha cintura e me abraçou bem forte.

– Fiquei com saudade de você hoje, mas nós nos divertimos. Fizemos bolo de chocolate.

Eu me abaixei para beijar sua cabeça e virei para olhar para a Sra. Baylor. Ela sorriu calorosamente e se levantou. O longo vestido tomara que caia que ela usava dançava ao vento e ao redor de suas pernas conforme ela caminhava em nossa direção. Ela estava sempre muito arrumada e glamorosa.

– Como foi o trabalho hoje, Rose? – perguntou.

– Bem, obrigada – respondi, sorrindo. – Soube que vocês duas tiveram um dia divertido.

A Sra. Baylor sorriu de maneira carinhosa para Franny.

– Essa menina aqui torna os dias mais alegres. Mas não nasceu pra ser pescadora.

Franny riu e puxou minha mão.

– Vamos entrar pra comer bolo.

– Sim, vamos todas estragar o nosso apetite para o jantar com essa maravilha de bolo de chocolate – concordou a Sra. Baylor, apontando para a casa principal.

Ela nunca parecia ansiosa para voltarmos para o nosso chalé. Eu me perguntava se ela iria sentir falta de Franny quando as aulas comessem, na semana seguinte. As duas tinham ficado tão próximas... Pelo menos eu sabia que quando Franny chegasse da escola, teria uma gulodice e um abraço esperando por ela todos os dias.

Isso tornava tudo muito mais fácil. Foi difícil tomar a decisão de deixar Oklahoma, onde estávamos estabelecidas e seguras. Franny tinha amigos lá, e meu emprego como secretária na escola em que ela estudava nos mantinha próximas. Mudar para cá foi um salto no escuro, mas fiz isso por Franny. E, no fundo, fiz isso por River.

Não queria me arrepender da minha decisão, embora desejasse que tivéssemos ficado em Oklahoma conforme ia convivendo mais com River.

Catorze anos atrás

Outra família adotiva. Não tinha criado laços com nenhuma das ante-

riores. *Eu tinha deixado de desejar uma família havia anos. Minha única expectativa agora era que ninguém me batesse e que tivesse comida. Porque eu sabia como era apanhar e não ter o que comer.*

Cora ficou ao meu lado com sua cara fechada e sua postura tensa. Ela não esperava que eu durasse ali também. Já havíamos passado por aquilo. Eu havia sido transferida várias vezes nos últimos oito anos, desde que minha mãe havia me abandonado no estacionamento de um supermercado. Cora Harper era a assistente social responsável por me arranjar novas famílias.

– Seja boazinha aqui, Addison. Não discuta com eles. Não reclame. Quando disserem para fazer alguma coisa, faça. Tire boas notas e não arrume confusão na escola. Essa pode ser a família ideal pra você. Eles querem uma filha. Você só precisa ser boazinha.

Eu sempre era boazinha. Ao menos tentava ser. Não discutia. Só pedia para comer quando minha barriga doía de fome, e briguei na escola aquela única vez porque a outra garota havia me empurrado e me xingado. Fiz o melhor que pude para ser boa. Mas me dei conta de que não era o bastante. Eu não esperava que ali fosse ser diferente.

– Sim, senhora – respondi de maneira educada.

Cora olhou para mim e soltou um pequeno suspiro.

– Você é uma criança linda. Se você se comportasse, encontraria uma família na qual poderia ficar.

Eu tinha vontade de dizer a ela que eu me comportava bem. Estava na ponta da língua, mas fiquei quieta e apenas assenti.

– Sim, senhora – repeti.

Segui Cora escada acima, em direção à bonita casa amarela que tinha uma grande varanda branca. Eu gostava da aparência do lugar. As outras casas em que vivi não eram nada parecidas com aquela. Normalmente eram velhas e tinham um cheiro engraçado.

Antes que Cora batesse à porta, ela se abriu lentamente. Um garoto alto estava parado lá. Ele tinha cabelos louros, um pouco compridos e desgrenhados demais. Seus olhos verdes foram de Cora até mim. Então ele franziu a testa. Eu realmente nunca tinha visto um garoto que eu achasse bonito até aquele momento, e ele estava franzindo a testa para mim. Eu ainda nem tinha arrumado confusão nenhuma.

– Você é pequena. Pensei que tivesse a minha idade – disse ele, me encarando.

Eu detestava ser chamada de baixinha. Todo mundo falava sobre o fato de eu ser pequena para a minha idade. Já me provocavam o suficiente com isso na escola. Eu tentava ficar mais alta endireitando meus ombros.

– Talvez você é que seja muito alto – rebati.

Cora colocou as mãos nos meus ombros e me apertou tão forte que eu estremeci. Suas unhas compridas penetraram na minha pele, para me lembrar que eu deveria colaborar. Se não desse certo, eu seria levada para um orfanato, e eu sabia o pesadelo que era ficar lá. Tinha ouvido histórias.

– Desculpe – murmurei, sentindo a dor nos ombros, que Cora ainda não tinha largado.

– Solta ela. Você está machucando a menina – disse o garoto, irritado, chamando minha atenção de volta para seu rosto bonito. Ele estava encarando Cora como se estivesse prestes a afastá-la de mim com as próprias mãos. – Caramba, ela é pequena. Você não precisa esmagá-la – acrescentou ele, carrancudo.

– River Kipling! Veja como fala – disse uma voz pouco antes de a mulher que se tornaria o meu pior inimigo aparecer à porta.

CAPITÃO

Meus olhos se abriram e eu joguei o cobertor para o lado. Depois fui me contorcendo até a beirada da cama e respirei fundo. Eu estava coberto de um suor frio, e meu coração ainda estava acelerado. Conhecia bem esse sonho, mas já fazia um certo tempo que não o tinha. Desde os 16 anos, eu vinha lutando contra um fantasma – o mesmo que arrancou o meu coração e nunca mais o devolveu.

Maldita morte. Eu tinha matado homens. Muitos homens. Homens que mereciam morrer. Homens que haviam abusado de crianças. Homens que não pertenciam a esse mundo. Com cada um deles, eu estava salvando a *ela*. A única com quem falhei. A única que não consegui salvar. Tentei dominar aquele horror de diversas maneiras, porém, dez anos depois, eu ainda sonhava com ela. Em outras noites, sonhava com o modo como a havia perdido. Como não tinha sido forte o suficiente para salvá-la. Fechando bem os olhos, respirei fundo e enterrei o rosto nas mãos. Cada respiração queimava, e o meu peito parecia rachar.

O lindo rosto de Addy olhando para mim, sorrindo, enquanto seus cabelos louros dançavam ao seu redor com o vento. A imagem me fez sentir completo, mas era só uma tentação. Uma doce memória. Uma das últimas lembranças que eu tinha dela. Mas os sonhos sempre mudavam muito rápido. De repente, havia sangue por todo lado. Addy em uma piscina de sangue e tudo o que eu podia ver era ela. A mulher que havia me criado, rindo enquanto assistia a Addy morrer. Toda vez eu gritava, mas não conseguia chegar perto dela. Eu ficava paralisado. Incapaz de salvá-la no sonho ou até mesmo de abraçá-la.

Ela tinha sido minha alma gêmea. Minha outra metade. Mesmo quando éramos crianças, eu sabia que ela era a melhor amiga que eu teria na

vida. Não demorou muito para eu perceber que a amava. Uma vez, tive medo de amá-la demais.

Pensar em Addy machucava mais do que eu poderia descrever. Eu ficava esperando que essa sensação abrandasse, esperando o dia em que eu poderia pensar no nosso tempo juntos com um sorriso. Mas eu sabia que isso jamais aconteceria. Ela havia perdido sua vida por minha causa. Tão bonita e delicada. Tudo o que eu sempre quis fazer foi protegê-la e abraçá-la.

Tive que me livrar desses pensamentos antes de ir para o trabalho. Fazia meses que eu havia sonhado com Addy pela última vez. Normalmente era porque alguma coisa ativava uma lembrança. Eu não tinha certeza do que era dessa vez. Por que ela estava de volta aos meus sonhos, que tão frequentemente se tornavam pesadelos? Alguma coisa estava me fazendo pensar nela.

Não era Elle. Disso eu tinha certeza. Eu tomava o cuidado de nunca namorar alguém que me fizesse lembrar de Addy. Mulheres louras e pequenas estavam fora do meu radar. Uma vez eu até tentei, mas as memórias voltaram com tanta força que eu quase tive um colapso e busquei ajuda profissional. Por um tempo, as lembranças dela estavam me matando devagar. Fazendo com que eu desejasse ter ido junto com ela. A vida parecia não ter sentido sem o seu sorriso.

Mas eu era mais forte do que aquilo e havia encontrado uma forma de sobreviver.

Mesmo que tivesse sido tirar a vida de outras pessoas. Contudo, meu passado não era algo de que eu me arrependesse. Fiz o que precisava ser feito para me salvar e para impedir que pervertidos machucassem mais crianças. Era ilegal, mas eu não estava nem aí para as leis.

Eu me levantei, fui tomar um banho e encontrar uma forma de empurrar as memórias de volta para os recantos da minha mente.

Duas horas depois, quando entrei no meu escritório, Major Colt estava sentado no sofá que ficava em frente à mesa, com aquele seu eterno sorrisinho no rosto. Se o cara não fosse tão bom no que fazia, eu não o teria apresentado a Benedetto DeCarlo. Qualquer pessoa que conseguisse manter aquela fachada de playboy gente boa e matar pessoas por dinheiro no tempo livre era impressionante. Eu aparentava ser o que

eu realmente era: um imbecil. Não tinha o charme dele. E também nem queria ter.

– Por que você está aqui, Colt? – perguntei, jogando minhas chaves em cima da mesa.

– Parece que meu próximo alvo está ligado a alguém daqui. Então vou poder me divertir um pouco em Rosemary Beach enquanto trabalho. Você viu as pernas dessas gracinhas?

Não conseguia imaginar por que Benedetto o enviaria a Rosemary Beach. A menos que não tivesse sido Benedetto. Ultimamente, ele vinha dando mais e mais poder para o homem que estava preparando para assumir seu lugar: Cope. Ninguém sabia o sobrenome do cara. Só sabíamos que ele estava no comando. E ninguém discutia com ele.

– Foi Cope quem mandou você? – perguntei.

– Sim. Eu só lido com ele agora. DeCarlo não dá muito mais as caras. Ele deixa essas coisas para Cope.

Suspeitava que eu era a única pessoa com quem Benedetto ainda lidava pessoalmente. Ele foi o mais próximo que tive de uma figura paterna em toda a vida. Ele me sacudia quando eu agia como um garoto medroso e me dava um propósito.

– Não o irrite – falei para Major.

Eu já tinha visto Cope matar apenas porque podia. E aquilo era assustador. O cara não fazia perguntas. Ele apenas finalizava a jogada e ia embora. Era o que alguém como Benedetto tinha que fazer. Mas não eu. Eu concordava apenas com uma coisa: eu apagava os caras caso eles merecessem. Não aos olhos da lei, mas aos meus olhos. Isso era tudo o que importava para mim. Se eu achasse que estava salvando alguém que precisava de ajuda, então eu puxava o gatilho.

Major riu.

– É, eu já entendi. Ele é o rei dos fodões.

Ele era mais do que isso, mas Major descobriria isso em breve.

– Tenho trabalho para fazer, Colt. Você vai chegar a algum lugar com isso?

Major se levantou e deu de ombros.

– Nada, só queria dar um oi e avisar que vou passar um tempo por aqui. Ótimo. Fantástico. Merda.

Uma batida à porta desviou a minha atenção.

– Pode entrar – falei, esperando que não fosse mais alguma merda àquela hora da manhã.

Aqueles óculos chamaram a minha atenção de cara. Lembrei das risadas dela na véspera e senti um frio na barriga. Será que foi ela que fez com que o pesadelo voltasse? Eu realmente esperava que não. Não queria mandá-la embora por causa disso. Mas eu não poderia trabalhar com aquela garota se ela fosse acordar meus fantasmas.

– Posso ajudar? – perguntei, tentando não me perturbar com a presença dela.

Ela deu uma olhada nervosa para Major e depois se voltou para mim.

– Minha filha está doente. Acordou com febre hoje de manhã e a pessoa que toma conta dela é uma senhora de idade. Não quero que ela fique exposta ao que quer que seja que Franny tenha. Também preciso levar Franny a um médico.

Fiquei aliviado em saber que não precisaria vê-la hoje.

– Quanto tempo isso vai levar?

Todo o corpo dela ficou tenso, e era como se ela estivesse fisicamente tentando se conter para não me bater pela minha resposta insensível. Eu quase sorri.

– Com sorte, o médico vai receitar algum remédio e ela vai melhorar o suficiente para que eu possa vir amanhã – disse ela, em um tom que comunicava exatamente o que seu corpo estava tentando não dizer: que ela estava irritada comigo.

– A criança não tem pai? – perguntei, por alguma razão insana, querendo vê-la furiosa.

Mas, em vez de ficar na defensiva e agir de forma impertinente comigo, seu rosto ficou pálido. Ouvi Major murmurar um palavrão que eu sabia que era para mim. Porra, o pai da criança estava morto ou algo assim? Droga, eu e minha maldita boca.

– Acho que não... não – respondeu ela em um sussurro, antes de sair e fechar a porta.

– Você é um idiota perfeito – murmurou Major, soando irritado. – Ela parece ser um doce. Um doce muito sexy. E é uma mãe solteira.

Ele estava certo, e eu não discuti. Eu devia desculpas a ela.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br